"Os acorrentados da CEMIG" – Estudo sobre o Movimento dos Concursados Demitidos pela Companhia Energética do Estado de Minas Gerais em 2013

Waldece Wagner Alexandre de Sousa (PIBIC/CNPQ/UEPG), Robson Laverdi (Orientadora), e-mail: laverdirobson@gmail.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de História.

História /Teoria e Filosofia da História

Palavras-chave: Trabalhadores; concursados; demitidos.

Resumo

A presente pesquisa buscou conhecer como um coletivo de trabalhadores concursados da CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais), sem experiências de luta política organizada, se constituíu numa oposição combativa contra as demissões arbitrárias do Estado. O caminho adotado foi o da análise de jornais convencionais e sindicais, filmagens armadoras e a produção de vídeos efetuada por um documentarista que registrou o principal ato dos eletricitários. O movimento destes trabalhadores culminou na ocupação e acorrentamento às catracas da Sede Administrativa da Estatal, situada em Belo Horizonte no dia 09 de setembro de 2013. Entretanto, a abordagem transcende o ato em si e coloca em reflexão os sentidos de classe e as experiências dos participantes nesse evento, pensando também o espaço que a CEMIG ocupa no imaginário da sociedade mineira. Também foram alvo da pesquisa as relações econômicas, legislativas e políticas que permeiam essa manifestação, além das orientações ideológicas que influenciam diretamente no processo de terceirização, fator que motiva as demissões dos trabalhadores. Desta forma, a pesquisa discorre sobre as tensões desta complexa teia que envolve o poder estatal, a sociedade, os trabalhadores, os sindicatos e a CEMIG.

Introdução

No mês de setembro de 2013 os principais veículos de notícias do estado de Minas Gerais repercutiram notas que causavam estranhamento, pois se tratava de funcionários concursados da CEMIG que se encontravam acorrentados à sede administrativa em Belo Horizonte, reivindicando a permanência nos empregos após uma sumária demissão em massa. O ato chama atenção, e como demonstrado nas edições do dia 10 de setembro dos telejornais *Bom Dia Minas,* da Rede Globo, e o *MG Record*, da TV Record, os eletricitários estavam acorrentados às catracas principais do prédio administrativo, com apitos, faixas e cartazes. Os mesmos solicitavam uma audiência com a diretoria para conversar e negociar uma transferência para novos cargos já que os anteriores haviam sido terceirizados.

O ato, que segundo a edição n° 739 do *Chave Geral*[1], iniciou-se no dia 9 de setembro e teve fim no dia 19 do mesmo mês, foi marcado por conflitos entre os

[1] Jornal subsidiado e produzido pelo SINDIELETRO-MG (Sindicato Intermunicipal dos Trabalhadores na Indústria Energética de Minas Gerais.

trabalhadores demitidos e a segurança institucional da estatal, além de práticas de repressão não vistas desde os tempos da ditadura militar, por parte da empresa com o objetivo de intimidar os manifestantes. O documentarista Xeno Veloso que esteve registrando a ocupação, remonta num de seus vídeos a violência com que a CEMIG tratou estes trabalhadores, privando-lhes água, luz, isolando-os com tapumes a recepção do prédio e cerceando a entrada do Deputado Estadual Rogério Correia, que na data era membro da comissão de direitos humanos da Assembleia Estadual mineira.

Materiais e Métodos

Fontes

Ao mapear as fontes e sistematizá-las, seguem as que foram mais relevantes e pertinentes para a conclusão desta pesquisa. Foram analisados dois registros audiovisuais do documentarista mineiro Xeno Veloso que acompanhou a ocupação. Sendo o primeiro vídeo, com duração de 05:02 minutos, uma edição que mostra o momento da ocupação com falas dos trabalhadores demitidos e a de sindicalistas. O segundo trata-se de uma compilação, com duração de 03:16 minutos, de um dos momentos de maior tensão, mostrando o epicentro do conflito entre manifestantes e a segurança da empresa, a intervenção da comissão de direitos humanos da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, o isolamento e as declarações de apoiadores da causa dos trabalhadores. Ambos estão publicados em seu canal no Youtube no link (https://www.youtube.com/user/xenoveloso) e uma cópia foi salva ao arquivo pessoal do pesquisador.

Também foram utilizadas as edições nº 735 e nº 739 do jornal *Chave Geral*. Veículo produzido e subsidiado pelo SINDIELETRO, sindicato majoritário dos eletricitários vinculados a CEMIG. Sendo a primeira edição que vincula o início das demissões e a segunda um especial construído remontando os 10 dias da ocupação. A filmagem de uma assembleia realizada entre os trabalhadores demitidos e o sindicato no segundo dia da ocupação, registro do SINDIELTRO, com duração de 48:42 minutos também foi utilizada.

Os registros audiovisuais das abordagens sobre a ocupação exibidas nos programas *MG Record* do dia 10 de setembro de 2013 transmitido pela TV Record Minas com duração de 01:15 minutos e do *Bom Dia Minas* transmitido pela Rede Globo também exibidos no dia 11 de setembro de 2013, com duração de 00:59 minutos, também foram utilizados na pesquisa. Além das edições nº 6114 do jornal o Tempo e a edição nº 2898 do jornal Aqui, ambos de Belo Horizonte, foram utilizados como fonte de informações sobre a ocupação.

A coletânea de 12 volumes biográficos intitulados *Memória da CEMIG* que relatam a trajetória dos presidentes e figuras que tiveram destaque no decorrer dos anos da CEMIG também foram analisados, os mesmos consistem numa produção encomendada pela Estatal para a construção de um memorial. A edição nº 94 da Revista CEMIG notícias e a edição nº60 da Revista Energia da Gente, ambas produzidas pela Estatal trazem matérias com dados financeiros e relacionados a venda de ativos que também foram utilizados na pesquisa. Junto ao Setor de Memória da Estatal, também foi acessada uma cópia do Boletim nº 1 de 1952, que registra a inauguração da empresa, orçamento e caminhos legislativos pretendidos pelo governo estadual do mesmo ano.

Revisão de literatura

A imersão dentro desta temática teve o aporte dos conceitos de classe e de experiência social desenvolvidos por E. P. Thompson. A partir da leitura do autor, o movimento passa a ser enxergado como uma manifestação ligada a uma cadeia de sentidos, valores e da experiência individual e coletiva dos eletricitários. Refletindo também acerca do espaço que a CEMIG ocupa no imaginário dos trabalhadores e da sociedade. E que essa experiência foi construída na relação direta com a cultura da sociedade a qual eles pertencem. O evento não é mais tido como uma coisa ou uma engrenagem dentro de uma máquina, mas sim reconhecido como um acontecimento relacional. O acontecimento que tratamos na pesquisa só foi possível pela formação de uma classe social, não homogênea, mas como Thompson descreve:

> uma formação social e cultural (frequentemente adquirindo expressão institucional) que não pode ser definida abstrata ou isoladamente, mas apenas em termos da relação com outras classes; e, em última análise, a definição só pode ser feita através do *tempo*, isto é, da ação e reação, mudança e conflito. Quando falamos em *uma* classe, estamos pensando em um corpo de pessoas, definido sem grande precisão, compartilhando as mesmas categorias de interesses, experiências sociais, tradição e sistema de valores, que tem *disposição* para se *comportar* como classe, para definir a si próprio em suas ações e em sua consciência em relação a outros grupos de pessoas em termos classistas. Mas classe mesmo não é uma coisa, é um acontecimento. (THOMPSON, 2001, p. 169 apud MATTOS, 2012, p. 97)

Analisar as fontes refletindo sobre as relações sociais e culturais que estavam envolvidas no processo e, não apenas na ocupação em si, ampliou perspectivas, inclusive na percepção destes trabalhadores enquanto classe social. Pensando as razões e as motivações que os uniram, observando a diversidade de pensamentos que os distinguiam. O reposicionamento teórico permitiu identificar o que estava nas entrelinhas da pauta reivindicatória. É possível perceber que além da tentativa de reaver o emprego, também significa uma resposta que precisa ser dada a sociedade. Existe a necessidade de que o mundo que o cercam saibam da decepção e conheça a diferença entre o que se imagina a respeito da Estatal e o que acontece no dia a dia. E isso nutre uma experiência coletiva que sustenta este movimento. Refletindo sobre este processo no tempo, foi possível perceber que as demissões fazem parte de um projeto político, econômico e social de viés neoliberal que está sendo implantado no país, mais ou menos fortemente desde os anos 1990.

Conclusões

No decorrer da pesquisa, após a leitura teórica e as discussões realizados na orientação, a visão sobre o movimento foi constantemente repensada e esse fluxo de reinterpretação segue ativo. No primeiro momento a ideia que era pensar sobre um movimento social migrou para a análise dentro do mundo do trabalho, das relações sociais e culturais que estão envolvidas nesse espaço. A maneira truculenta, desproporcional e desumana com que o Estado tratou esses trabalhadores ficou evidente no conjunto de fontes trabalhadas. Mas nem de longe é

um fato isolado, trata-se de um processo que tem no momento das demissões um amadurecer da proposta política e econômica neoliberal.

A ação impetrada pela Estatal reflete também uma disputa no setor elétrico, para se adaptar ao modelo proposto como mais eficiente, que no caso significa especificamente gerar mais lucros para os acionistas. E também deixa evidente a intenção a médio e longo prazo de privatização e entrega de um patrimônio público para a iniciativa privada. O ato e toda a trajetória destes trabalhadores tem também um valor pedagógico, no sentido de que ali eles passam a se relacionar com uma esfera política antes não experimentada, parece-me que o espaço da luta, torna-se também um espaço de aprendizagem. O evento ainda mostra as relações sindicais, tanto colaborando com os trabalhadores, quanto também fazendo uso dessas ações para ampliação de capital político. No decorrer do ano a pesquisa proporcionou descobertas, reflexões e abriu caminhos e questões para serem pensadas em trabalhos posteriores.

Agradecimentos

Agradeço a minha família, em especial, minha companheira e meus filhos. Um projeto de iniciação científica na posição onde estou, abdicando de um trabalho formal para dedicação exclusiva não seria possível sem o aval e compreensão deles. Ao orientador, pela paciência, pelas horas dedicadas na orientação, muitas das vezes extrapolando os horários e dias comerciais. Ao CNPQ pela oportunidade de me dedicar ao desenvolvimento dessa iniciação científica.

Referências

ALVES, Juliana do Carmo Cardoso. Memória dividida: narrativas acerca do movimento reivindicatório dos praças da Polícia Militar de Minas Gerais no ano de 1997. 2013.

DE MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 34, p. 9-23, 1992.

GOHN, Maria da Glória. Teoria dos movimentos sociais. São Paulo: Loyola, 1997.

MATTOS, Marcelo Badaró. EP Thompson ea tradição de crítica ativa do materialismo histórico. Editora UFRJ, 2012.

PORTELLI, Alessandro et al. O que faz a história oral diferente. Projeto história, v. 14, p. 25-39, 1997.

SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1988.

THOMPSON, Edward Palmer. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, vol. 1, 1987.

THOMPSON, Edward Palmer. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica do pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.